



REVISTA DO NÚCLEO DE
PESQUISA EM ENSINO DE FILOSOFIA,
FILOSOFIA AFRICANA E
FILÓSOFAS CONTEMPORÂNEAS

SARTRE: FILOSOFIA E LITERATURA

SARTRE: PHILOSOPHY AND LITERATURE

Roberto Pereira Veras

Doutor em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba PPGCR/UFPB
Professor de Filosofia no Instituto Federal do Acre (IFAC)
Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Artificial Intelligence – NEPAI/IFAC/CNPQ
roberto.veras@ifac.edu.br

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo analisar estrutura conceitual sartriana de literatura engajada. Para tanto, propomos avaliar o modo como o filósofo existencialista compreende a realidade humana, inexoravelmente pelo âmbito da liberdade. Em seguida, demonstraremos que a literatura engajada se ocupa dessa liberdade na condição histórica, mostrando a exigência de que o homem assuma individualmente a responsabilidade e o compromisso pela sua condição e pelo mundo que se encontra inserido. Portanto, iremos analisar de maneira abrangente a peça artística *Le Diable et le Bon Dieu* de 1951 para uma melhor compreensão do tema.

Palavras-chave: Bem. Filosofia. Literatura. Mal. Religião.

ABSTRACT:

This paper aims to analyze sartrian conceptual framework of engaged literature. To this end, we propose to evaluate the way the existentialist philosopher understands human reality, inexorably through the scope of freedom. Next, we will demonstrate that engaged literature is concerned with this freedom in the historical condition, showing the requirement that man individually assume responsibility and commitment for his condition and for the world in which he is inserted. Therefore, we will look at the 1951 *Le Diable et le Bon Dieu* for a better understanding of the subject.

Key-words: Good. Philosophy. Literature. Evil. Religion.

1 Introdução

Recebido 30 de agosto de 2019
Aceito 22 de julho de 2020

A proposta deste trabalho tem como eixo gravitacional uma perspectiva baseada no pensamento filosófico atrelado ao prisma literário buscando fundamentação epistêmica no âmbito religioso. Isso ocorre uma vez que se torna imprescindível afirmarmos um diálogo entre as teses estabelecidas no pensamento sartriano, juntamente com seus outros projetos atuantes, a saber: artístico, político e social. Nesse sentido, é válido afirmarmos que o escopo de sua conjectura humanista consegue proporcionar uma simetria entre a condição humana e o pensamento literário engajado, isso porque o sujeito precisa atuar em sua realidade contemporânea, fundamentando novas condições que ele mesmo consiga definir como adequada para sua necessidade. Para o filósofo francês, os homens são responsáveis pelos próprios homens. Diante disso é nítido uma aproximação com o pensamento marxista e com todo processo de engajamento na busca de uma nova realidade transformada por si mesmo. Sartre defende essa postura ativa como uma realidade assumida no próprio presente, colocando o homem diante de si mesmo, como se fosse um espelho crítico de sua época.

Assim, o homem tem como característica irreduzível sua própria liberdade. Deste modo, podemos afirmar que a estrutura, ao qual sujeito engajado e livre se apresenta, modificando o cenário atual corroborando para o melhoramento, sobretudo da existência, bem como o aspecto social. A obrigação de estar livre com posicionamento responsável é condição individual e característica marcante do sujeito. Esse movimento dialético entre leitor e escrito ativo é concomitantemente necessário, pois o entrelaçamento ocorre quando podemos utilizar a literatura como modo de ação ante às múltiplas realidades possíveis do homem lançado no mundo. Nesse aspecto, podemos entender a segunda fase do Sartre através do engajamento literário, no qual o filósofo francês estabelece diretrizes subjetivas e conflitos existenciais fundamentados em sua fenomenologia, cuja perspectiva foi edificada, porém com novas possibilidades após a segunda guerra mundial.

Se simplificássemos drasticamente a relação entre esses dois momentos, poderíamos dizer que a diferença está sobretudo na passagem da Metafísica para a História. O próprio Sartre por vezes corroborou essa visão, ao analisar retrospectivamente as diversas preocupações presentes ao longo de seu percurso. Contudo, creio ser possível ver aí uma continuidade, marcada por uma diversidade de ênfase, o que nos permitiria encontrar, na chamada – segunda fase, um aprofundamento histórico dos temas metafísicos, de cujo tratamento anterior, aliás, a história não estava inteiramente ausente. Se admitirmos essa diferença de ênfase, o enlace entre os dois momentos seria dado precisamente pela concepção sartriana de Metafísica: esta não seria um conjunto de preocupações marcado pela distância que se abre entre a existência humana e a Substância ou o ser enquanto ser, mas um mergulho profundo na própria existência, não com a finalidade de transcendê-la, mas de superar a obscuridade e a opacidade com que ela a princípio nos aparece, para que possamos então encontrar o absoluto, o universal e o transcendente nas imbricações concretas que fazem do homem uma questão para si mesmo (SILVA, 2000, p. 59).

Podemos entender que essa passagem dos problemas metafísicos para as questões históricas proporcionaram um modo de pensar um pouco mais autêntico na filosofia sartriana, estabelecendo uma preocupação com a história e suas implicações, sobretudo de âmbito marxista não abandonando a fenomenologia e suas implicações existenciais. Dessa forma, a sua necessidade de compreensão do homem e o abandono dos “quadros envelhecidos” legitimaram o filósofo francês em diversas vertentes que a filosofia possa atuar, tais como: ensaios, críticas literárias, romances, teatro e etc. Para ele, essa “obsessão” de tentar estabelecer um novo horizonte de compreensão humana era seu objetivo que, especificamente por meio da literatura essa condição era possível.

O pensamento de Sartre vai da análise da realidade humana individual e subjetiva, tema de suas primeiras reflexões, até o estudo dos grandes horizontes da existência do homem no corpo social e a interpretação do movimento global dos acontecimentos históricos, que o ocuparam em seus últimos anos (PERDIGÃO, 1995, p. 18).

O que podemos entender no pensamento sartriano é a sua busca pela necessidade de entendimento da realidade humana. Seja, pelo método fenomenológico, ou pela influência marxista sua busca implícita desde uma avaliação da dimensão propriamente subjetiva à inserção do indivíduo em seu contexto histórico. Para Sartre, a literatura consegue aprofundar essa dimensão uma vez que conseguimos interpretar nossa própria realidade a acontecimentos históricos juntamente com fatores cotidianos, ou seja, utilizando nossa própria liberdade.

Como podemos entender a liberdade no pensamento sartriano? Existe uma conferência chamada *Existencialismo é um humanismo*, proferida em Araraquara - Brasil, no ano de 1945, texto original sendo publicado em 1946, no qual podemos abordar três dimensões sobre a condição humana –; 1) o homem é liberdade; ela não é compreendida como algo que se pode possuir, como se estivesse ao alcance das mãos, mas como a característica irreduzível da própria realidade humana; 2) existir é um processo em que o homem se faz a si mesmo, escolhendo-se, posicionando-se indefinidamente ante as diversas situações, sem qualquer tipo de determinação; 3) o homem é o único responsável pelo sentido de sua própria vida.

Tendo como ponto de partida a necessidade de compreensão da noção de engajamento como devemos entender esse conceito sartriano? Em linhas gerais, conforme Cabestan (2009, p. 70, [tradução nossa]), há três definições que estão correlacionadas: “[...] o engajamento é a condição da liberdade, o engajamento é o ato de uma liberdade concreta a partir de sua inserção no mundo e o engajamento como valor ou exigência ética.” A necessidade de compreender o homem-no-mundo é condição *sine qua non* em seu projeto filosófico. O homem de 1945 vive o agora, e mesmo, ele é capaz de modificar o futuro através de suas ações. Portanto, a configuração acima mencionada é a condição que possibilita o sujeito de

intervir sob os horrores atuais do cotidiano, corroborando com uma pluralidade de reações rumo ao novo.

2 Engajamento Literário e Filosofia Prática

Sartre incorpora esse aspecto de filosofia. É uma relação entre a condição de vida humana e suas ambiguidades, seus reflexos e crise rumo à notoriedade do homem enquanto espelho crítico de si mesmo. Todavia, esta atuação implosiva e introspectiva forma um sujeito crítico ao seu tempo. O escritor, de maneira imprescindível relata os problemas políticos, sociais, revoltas e suas reformas, com isso ele não consegue se evadir. A própria realidade que está implícita em sua obra produz reflexos amiúde sob a ótica do próprio homem que vivencia os problemas de sua época. Desse modo, existe uma necessidade de mudança dessas atitudes humanas pelo viés literário através de uma espécie de “função social” na qual podemos entender como a literatura se colocando como ação no mundo prático, cujo seu objetivo seja renovar linhas de pensamento e ação de sua contemporaneidade proporcionando atuação e desenvolvimento em problemáticas e conflitos em seus mais variados níveis.

A literatura tem, pois, a função de despertar a consciência dos vínculos entre o indivíduo e a comunidade humana, mas jamais a cumprirá através da subordinação a um partido ou a uma doutrina. Sua tarefa é dramatizar a condição metafísica da existência, mostrando como o homem constrói o Homem nos embates incertos e cruéis que fazem nascer a singularidade individual diante da história (MACIEL, 1986, p. 120).

O engajamento não é uma condição obrigatória ou uma necessidade vinculada a um guia de normas pré-estabelecidas por determinada sociedade. Antes de tudo, o propósito é de modificar e enraizar na condição humana as modificações que as palavras *signos* conseguem proferir, destacando melhorias em múltiplos âmbitos da existência do sujeito. Isso implica dizermos que o escritor está em situação, na qual consegue intervir e modificar a realidade analisando, refletindo, informando e atualizando os processos públicos e privados através de seu exercício reflexivo.

Desse modo, o caráter irreduzível da linguagem é encarado por Sartre, sobretudo em *O que é Literatura* de 1948, cujo autor vai mostrar a linguagem como prolongamento dos sentidos e suas diversas possibilidades de desencadear ações sobre outros discursos. Segundo o filósofo francês (2004, p. 19-20) o fez, perguntar ao escritor: “Com que finalidade você escreve? Em que empreendimento você se lançou e por que necessita ele do recurso à escrita?” E, um pouco mais adiante: “Você tem alguma coisa a dizer? Por aí deve-se entender: alguma coisa que valha a pena ser comunicada. Tais perguntas são imagens da relação entre literatura e mundo que, através de suas interfaces proporcionam uma ambiguidade paradoxal

em relação entre os dilemas da sociedade e da vida como um todo. “[...] o escritor ‘engajado’ sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão intencionando mudar” (SARTRE, 2004, p. 20). Essa condição fortalece a realização atuante do escritor uma vez que percebe a potencialidade da palavra através do discurso uma possibilidade de alívios das mazelas que afrontam a sociedade e sua própria existência.

Sartre defende a escrita, antes de qualquer coisa, como algo livre que pode ser exercido apaixonadamente através da existência de ser, isto é ser enquanto entidade motivacional de atitudes e mudanças reais. A literatura tende ser feita por homens livres e contemporâneos engajados para um constante processo de modificação da sociedade decidida. “Assim, o livro não é, como a ferramenta, um meio que vise a algum fim: ele se propõe como fim para a liberdade do leitor” (SARTRE, 2004, p. 40). A liberdade é atua diretamente como abertura para o objeto literário tem uma espécie de finalidade remissiva, visto que a liberdade já é, em si, a própria finalidade; deve restringir-se, portanto, a requisitar o jogo livre e, ao mesmo tempo, dirigido da imaginação do leitor; essa imaginação possui uma função constitutiva e não apenas regulativa, a qual recompõe os traços deixados pelo artista no objeto. É no fluir dela que o espectador cria ao mesmo passo que desvenda, e simultaneamente desvenda ao criar. A imaginação, por sua vez não desfruta de si mesma, pois ela precisa-se lançar no mundo engajando alguma ação. Ao afirmar o engajamento literário o autor não afirma apenas uma forma abstrata, mas algo real na condição de modificação da vivência do autor e leitor simultaneamente.

Se é verdade que todo romancista nos passa, cifrada no texto, a chave da gênese pessoal de sua obra (uma obsessão, um rancor, um amor, uma nostalgia) e se podemos, não obstante, aproveitar a obra sem utilizar a senha de acesso a seu segredo (os estruturalistas e, antes deles, os formalistas russos nos ensinaram que a obra é tudo e a vida, quase nada), em Sartre tudo se passa como se vida e obra existissem para arrancar a si mesmas de sua gratuidade (PINTO, 2000, p. 55).

A obra literária é um caminho pelo qual conseguimos expressar os mais variados sentimentos. Com a leitura o encantamento, felicidade, tristeza e lágrimas conseguem estabelecer o mesmo passo. Os escritos nos revelam suas ideias e a imaginação do leitor aprofunda e toma para si mesmo o projeto do autor. Nesse sentido o engajamento consegue exercer uma proposta realista, o romancista, por exemplo, estabelece relação por meio da prosa assume uma “função social”, na medida em que a relação entre o leitor torna-se marcante de sentimentos e modificações em seu imaginário. A possibilidade de que seja possível cada leitor de modificar a vida constantemente lhe deixa em situação favorável para o desencadeamento de novas aberturas e reflexão do mundo como um todo. É claro que a determinação da literatura por meio do engajamento não promoverá um horizonte pré-estabelecido até porque Sartre não concorda com nenhuma ideia que possa evidenciar algum

tipo de determinação no campo de possibilidades que ele possa agir.

No universo narrativo essa possibilidade também está aberta? Sim, a literatura e a filosofia conseguem de maneira homogênea um entrelaçamento de perspectivas, nas quais, o leitor e autor conseguem receber informações para a compreensão da realidade individual e universal. A narrativa é fundamental nesse aspecto, uma vez que mostra a possibilidade de pensar em qualquer ângulo – seja uma novela, romance filme o balé. Em termos simples é uma análise estrutural (GAUDREAU, 2009, p.35).

Iremos apresentar algumas considerações na obra sartriana denominada *Le Diable et le Bon Dieu* de 1951, no qual o autor apresenta notoriamente em três atos e doze quadros esta peça teatral possuidora de cunho existencial.¹

No primeiro momento desta narrativa, conseguimos perceber que os personagens evidenciam o caráter religioso no princípio da obra. Começamos a perceber as figuras divinas sendo apresentadas com o contexto da tradição vejamos. Nasty – personagem da peça, vidente e padeiro, afirma que não existem más notícias para o eleito de Deus “[...] Um aviso de Deus. Este é o primeiro momento que a figura divina fica explicitamente exposta. Para o Arcebispo o Diabo instigou-se a incitar os cavaleiros à revolta e a se colocar à sua frente” (SARTRE, 1964, p.12-13). Nesse momento a necessidade de contextualizar a obra se faz necessário, pois gira em torno de uma contraposição a favor de posses, porém um grupo intervém através de questionamento e o capitão Goetz e demais personagens criam o enredo desse conflito. Para o padre Heinrich a realidade divina do sagrado é notadamente proferida em sua participação:

Nada acontece sem a permissão de Deus – e Deus é a própria bondade. Logo, tudo o que acontece é o melhor. [...] Deus sabe muito mais coisas do que tu: o que te parece um mal é um bem, a seus olhos. Porque ele pesa todas as suas consequências. [...] Meu, Deus sois testemunha de que nem por um só instante a dúvida tocou meu coração. [...] rezemos para Deus que ele nos dê esperança (SARTRE, 1964, p. 20-21).

A relação entre o crente, aqui na figura do padre, consegue oferecer características universalmente cristãs para a resolução do problema do desaparecimento do filho da mulher que é uma personagem pouco vista no decorrer do roteiro. Por outro lado, é na figura dramática em que ela lança o primeiro argumento existencial sartriano juntamente com Nasty. “E Deus? Deus lhes permitiu guerra? Deus os proibiu de fazê-la. Mas este aqui diz que nada acontece sem a sua permissão. Nada – a não ser o mal que nasce da maldade dos homens” (SARTRE, 1964, p. 22) Podemos considerar que as coisas acontecem indeterminadamente, essa premissa existencial é notada na fala dos personagens, entretanto a questão máxima desta obra surge adiante com o reflexo híbrido entre o bem e o mal.

1 Peça teatral apresentada, pela primeira vez, no palco do Teatro Antonie (Simone Berriau, dirigindo-a) na quinta-feira, 7 de junho de 1951.

Ainda no primeiro ato, de maneira hermenêutica e conceitual podemos analisar a fala do padre, citado anteriormente, agora discutindo com o capitão, personagem protagonista da obra. “A única coisa que sei, exatamente, é que vou ver o Diabo: quando ele se prepara para me fazer caretas, começam o espetáculo com fantasmagorias. Já viste? Mais vezes do que tua própria mãe” (SARTRE, 1964, 51). A discórdia é bruscamente notória no diálogo entre estes personagens. O andamento da discussão é repleto de desavenças e confusão interna entre o capitão e o vidente. Por outro lado, Goetz menciona a figura de Deus diversas vezes exaltando constantemente.

Que noite maravilhosa. Tudo se movimenta, Deus passeia pela terra, minha tenda é um céu repleto de estrelas cadentes e eis aqui a mais bela: Nasty, profeta das padarias, que vem abrir meus olhos à verdade. Ninguém poderia pensar que o céu e a terra fariam barulho por uma simples cidade de apenas vinte e cinco mil habitantes! Afinal, padeiro, quem te prova que és uma vítima do Diabo? [...] inútil, sim. Inútil aos homens. Mas que me importam os homens? Deus me ouviu e é para os ouvidos de Deus que falo – e isso me basta. Porque é o único inimigo digno de mim. Há Deus, eu e os fantasmas. E será Deus que crucificarei esta noite, em ti e em vinte e cinco mil homens, porque, seu sofrimento é infinito e tornar infinito quem faz sofrer. Esta cidade vai arder. Deus sabe neste momento tem medo, sinto-o bem (SARTRE, 1964, p. 89).

Uma importante discussão com o padre que podemos observar sobre o Mal:

[Continua Goetz sua fala] No fundo, nem eu mesmo acreditava. O Mal ... Só se acredita no mal depois. Como sempre, nada de milagres: começa a crer que Deus me deu carta branca. Obrigado, meu Deus, muito obrigado. Obrigado pelas mulheres violadas, pelas crianças empaladas, obrigado pelos homens decapitados... [em seguida o padre Heinrich] [...] O inferno é uma feira, imbecil Eis o mais estranho dos visionários: *o homem que se acredita o único a fazer o Mal*. [...] Este aqui pensa que é o Diabo, em pessoa, somente porque está cumprindo seu dever de soldado. Se és o Diabo, bufão, que serei eu pretendia amar os miseráveis e acabei por entrega-los a ti? (SARTRE, 1964, p. 98, grifo nosso).

Goetz, nesse ponto, tentaria dominar a cidade e fazer o mal grandiosamente bem. Nesse sentido, o filósofo francês nos mostra a tentativa de universalizar a maldade na figura do capitão como um agente que personificasse tal atributo. Em outras palavras, para Sartre, ao fazer o Mal Goetz não suporta fazer o bem. Isso porque, a convicção que a figura de Deus está proporcionando liberdade para destruir a cidade envolve substancialmente as atitudes nas quais, o militar se mostra como o homem que consegue fazer o mal absoluto. O medo que Goetz pensa Deus ter de suas atitudes irá proporcionar um desfecho nesse segundo ato muito curioso que vemos adiante a drama apresentada nesta narrativa.

Para o capitão, o destino deve ser decidido através do jogo. “Vamos! Joga. Se Deus está do teu lado, não deves ter medo. Não ousas não é verdade covarde? Preferes ser enforcado? Mas, então, quem ousará jogar?” (SARTRE, 1964, p. 102). Esse trecho Sartre é inspirado na obra de Cervantes onde um bandido decide se converter para o bem jogando dados, mas por outro lado o artista sartriano rouba nos dados para escolher seu destino. Sua escolha não tem influência algum vista o acaso. A realidade existencial é o fio condutor dessa peça teatral que está embriagada com teorias filosóficas sartrianas.

Logo após a jogada de dados a conversão milagrosa de Goetz consegue perceber que ser bom é melhor que ser mal. Sobretudo porque Deus está do seu lado para que ele consiga ajudar os outros e a si mesmo.

Sim. Com a ajuda de Deus, eu o serei. Bem sei que o Bem é mais penoso que o Mal. O Mal era nada mais do que eu; o Bem é tudo. Mas não tenho medo. Se é preciso aquecer a terra, eu aquecerei. Deus me deu uma missão de ofuscar: ofuscarei, sangrarei de luz. Sou um carvão ardente, atizado pelo sopro de Deus, queimando-me vivo. Padeiro, sou um doente do Bem e desejo que minha doença seja contagiosa. Serei, a um só tempo, testemunha, mártir e tentação. [...] Sabeis que Deus ordenou-nos amar. Só que, até esse momento, foi impossível. [...] Deus me esclareceu. Sou o arquiteto. Vós sois operários [...] (SARTRE, 1964, p.118-124).

A mudança de caráter maniqueísta oriunda em Goetz nesse instante deixa este ato do roteiro muito inusitado, isso porque a reviravolta e contraposição a seu estilo de vida pessoal se mostra diversificado após o jogo de dados. Antes o capitão queria fazer o mal destruindo a população da cidade de maneira truculenta. Nesse dado momento é bondoso e gentil como um anjo enviado por Deus. Essa perspectiva sobre a o Mal está absolutamente contida no Bem é o que destacamos na fala de Nasty “O diabo é criação de Deus: se Deus quiser, ele me obedecerá” (SARTRE, 1964, p. 142). Noutras palavras, o Capitão apesar de modelar seu campo existencial de forma desconexa, admite conseguiu entender a negatividade na existência do homem por meio da afirmação que só Deus existe. Assunto elementar na obra sartriana sobre o problema do homem no mundo, cuja sua essência precede a existência.

Não sou um homem, não sou nada. Só Deus existe. O homem é uma ilusão de ótica. Eu te repugno, não? [...] O compadre me informou que a terra é ilusão: só existe o Céu e o Inferno, eis tudo. A morte é um engano para as famílias: para o morto, tudo continua. [...] Se Deus existe, o homem nada é; se o homem existe ... Para onde vais? [...] Se Deus não existe, não há meios de escaparmos aos homens. Meu Deus! Não há meios de escapar aos homens. Adeus, monstros; adeus, Santos. Adeus, orgulho. Só o homem existe. [...] [por fim Goetz afirma] Deus está morto (SARTRE, 1964, p. 209-225).

Assim, o fio condutor que temos para a fala de Goetz condiciona o leitor a interpretar essa narrativa pela perspectiva da *nadificação*, isto é, a esfera religiosa que o autor nos transmite modifica-se ao logo do roteiro possibilitando uma imprecisão nos momentos posteriores de cada personagem. Algo típico que Sartre promove em suas diversificadas classificações literárias. Evidentemente que conseguimos gerenciar os dois momentos que o capitão mostra um Deus existente, outrora uma negação do divino afirmando a morto.

[...] Eu queria o Bem: tolice. Nesta terra e nestes tempos, o Bem e o Mal são inseparáveis: aceito ser mau, para tornar-me bom. [...] Não! Não nasci para comandar. Quero obedecer. Nasty, estou resignado a matar – e me farei matar, se for preciso. Mas não enviarei ninguém para a morte, porque agora sei o que é morrer. Nada existe, Nasty, nada: só temos mesmo, a nossa vida. [...] Matei Deus, porque ele me separava dos homens e sua morte ainda me torna mais só. Não admitirei que esse grande cadáver envenene minhas amizades: se for preciso, dir-lhes-ei tudo. [...] Se Deus não existe, por que estou só – eu que queria viver com todos. [...] Não receies, não fraquejarei. Hei de fazer-lhes horror, já que não tenho outra maneira de amá-los; dar-lhes-ei ordens, já que não tenho outra maneira de estar com todos. Há esta guerra a fazer – e eu a farei (SARTRE, 1964, p.230- 235).

Neste ponto, a reflexão abordada impulsiona a condição do homem como agente ativo de seus atos. Isso porque, o homem atua de forma decisiva em sua projeção. Assim procedendo, o momento crucial é chegado, no qual o homem nega o fenômeno religioso em suas implicações no mundo que ele encontra-se inserido. Consoante a esta perspectiva, a relação entre o capitão Goetz com o bem e o mal acabam em concordância, pois esses dois sentimentos circundam a realidade de todos os homens. Nesse sentido, a vida do homem é aquilo que ele realmente acredita possuir, portanto é uma maneira de separação do real e abstrato. As diversas tentativas de Goetz tentar ser bom outrora mal acabou em desavenças e problemas políticos religiosos de cunho social, bem como sua relação com os demais participantes do roteiro. O que entendemos é que a condição que Sartre nos apresenta nessa história é uma tentativa de entendermos seu projeto existencial através da literatura e personagens que possuem conflitos e imperfeições, algo tipicamente humanístico. Com isso a literatura engajada se contrapõe aos escritores mortos que dialogam com o passado problematizando assuntos irrelevantes ao seu tempo. Pelo contrário, a contraposição atuante da realidade pública em Sartre consegue motivar o leitor e escritor numa dialética que poderá modificar a realidade efetiva das coisas.

3 CONCLUSÃO

A nossa proposta de apresentar o conceito de literatura engajada na perspectiva sartriana

estabeleceu um critério introdutório, não obstante, foi buscada uma relação hermenêutica sobre a literatura e filosofia, cujo arcabouço religioso-existencial procurou restabelecer em suas interfaces.

Dessa forma, a relação existencial bifurcada entre o personagem Goetz se torna prolixa, isso porque, ao fazer o mal ele não conseguia fazer absolutamente perfeito, isto ocasionava um desconforto em sua situação de ser. Por outro lado, ao afirmar que Deus estaria com os pobres o mal não seria problemático, pois o capitão não ocasionaria transtornos à população o bem-estar com todos. Nesse impasse, Goetz não suporta fazer o malvisto que o Bem é mais grandioso. Na tentativa de proporcionar o bem após uma trapaça nos jogos de dados o capitão é notadamente imperfeito em seu projeto. Para Sartre, a figura de Goetz representa a descrença entre Deus e o Diabo, isso porque ele idealiza uma possibilidade de absoluto. Mas essa tentativa de ser uma destas divindades é ofuscada no momento em que o Mal está na dependência do Bem, sendo o mal apenas um receptáculo interligado se alimentando a luz da bondade.

Nesse aspecto, o Sartre apresenta um argumento favorável a Deus, pois o bem é fruto da onibenevolência Divina. Porém, o projeto é constantemente humanista. A relação entre a filosofia existencial proposta por Sartre em 1943 é acoplada com argumentos literários e poéticos estabelecendo uma concatenação de fatores, nos quais possibilitam o leitor de identificar sua tese filosófica, bem como suas bases sólidas edificadas no existencialismo. Contudo, o projeto de literatura engajada é uma condição que possibilita o leitor de agir e modificar a si mesmo e o outro. Para conseguirmos entender que o homem substancialmente emprenhado em alcançar a concretude do mundo não-humano, esse mesmo, sem resultados satisfatórios, se decompõe na frustração. Portanto, na peça teatral o roteiro de *O Diabo e o Bom Deus* determina um aspecto de determinismo à revolução, isto é um apelo político para o engajamento até mesmo porque este roteiro não possui uma ideia de religião ou santidade.

Para Sartre, a tentativa mal sucedida pelo capitão Goetz em ser absolutamente Mal ou Bom resulta na tentativa individual de mostrar que o destino do homem se resume ao fracasso. Afinal, Goetz desiste de torna-se um militar odioso e mercenário que mata por prazer e dinheiro traindo seu irmão fundando sua própria “Cidade do Sol” onde prevalecem harmonia e amor nos cidadãos.

REFERÊNCIAS

GAUDREULT, A; JOST, F. **A narrativa cinematográfica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

E SUAS INTERFACES

MACIEL, L. Sartre: **Vida e obra**. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

PERDIGÃO, P. **Existência e liberdade**: uma introdução à filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1995.

PINTO, M. Sartre, a transparência e o obstáculo. **CULT**, São Paulo, p. 52-57, mai. 2000.

SARTRE, J. **O ser e o nada** – Ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **O existencialismo é um humanismo**: A imaginação; questão de método. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

_____. **Que é a literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. 3.ed. São Paulo: Ática, 2004.

_____. **O Diabo e o bom Deus**. Trad. Maria Jacintha. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964.

SILVA, F. Metafísica e história no romance de Sartre. **CULT**, São Paulo, p. 58-63, mai. 2000. (Dossiê 20 anos Sartre).

THODY, P. **Sartre**. Tradução de Paulo Perdigão e Amena Mayall. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971.